

O SÉCULO EURASIÁTICO

Amostra

TAMBÉM POR HAL BRANDS

[não publicados no Brasil]

*The New Makers of Modern Strategy:
From the Ancient World to the Digital Age*
(como editor)

*Danger Zone:
The Coming Conflict with China*
(com Michael Beckley)

*The Twilight Struggle:
What the Cold War Teaches Us about Great-Power Rivalry Today*

The Lessons of Tragedy
(com Charles Edel)

American Grand Strategy in the Age of Trump

*Making the Unipolar Moment:
U.S. Foreign Policy and the Rise of the Post-Cold War World Order*

*What Good Is Grand Strategy?
Power and Purpose in American Statecraft from
Harry S. Truman to George W. Bush*

Latin America's Cold War

*From Berlin to Baghdad:
America's Search for Purpose in the Post-Cold War World*

O SÉCULO EURASIÁTICO



GUERRA QUENTE, GUERRA FRIA E
A CONSTRUÇÃO DO MUNDO MODERNO

HAL BRANDS



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2026

O Século Eurasiático

Copyright © 2026 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Copyright © 2026 Hal Brands

ISBN: 978-85-508-2794-0

Alta Cult é um selo do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA.).

Translated from original THE EURASIAN CENTURY © 2025 by HAL BRANDS. ISBN 978-13240369-44. This translation is published and sold by W. W. NORTON & COMPANY, INC, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2026 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B817s
Brands, Hal
O século eurasiático: guerra quente, guerra fria e a construção do mundo moderno / Hal Brands. 1. ed. - Rio de Janeiro: Alta Books, 2026.
312 p.; 15,7 x 23 cm.
Título original: THE EURASIAN CENTURY
ISBN 978-85-508-2794-0
1. Relações internacionais. 2. Geopolítica. 3. Política mundial. 4. Segurança internacional. I. Título.
CDD 327.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Relações internacionais: Geopolítica 327.1

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: J. A. Ruggeri

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtora Editorial: Rita Motta

Revisão: João Guterres



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:

Para John Lewis Gaddis e Barton Bernstein

Amostra

Amostra

SUMÁRIO

Introdução	1
1. O Mundo de Mackinder	13
2. O Grande Tornado Negro	49
3. O Abismo Totalitário	93
4. A Era de Ouro	139
5. O Segundo Século Eurasiático	185
6. Lições do Passado	233
Agradecimentos	257
Notas	259

Amostra

INTRODUÇÃO

É janeiro de 1917, e o equilíbrio de poder está se rompendo. Uma guerra que começou com o assassinato de um arquiduque em Sarajevo tornou-se global e, em breve, envolverá nações de todos os continentes habitados. A Alemanha está à beira de derrotar a Rússia no leste, o que lhe permitirá saquear os recursos daquele império agonizante e tornar-se a senhora da Europa, do Mar do Norte à Ucrânia. Os exércitos alemães estão exaurindo a França na frente ocidental; seus submarinos buscam levar a Grã-Bretanha à rendição pela fome. Se os U-boats não desferirem em Londres e nos aliados que ela subsidia um golpe mortal, a bancarrota talvez o faça. Os custos da guerra estão drenando o Império Britânico.

A Alemanha caminha para dominar o Velho Mundo, o que lhe daria uma base continental para projetar poder pelos oceanos e ao redor do globo. “Se a Alemanha vencesse, mudaria o curso de nossa civilização”, comentou o presidente norte-americano Woodrow Wilson; um mundo liderado por uma autocracia ascendente não é um mundo no qual mesmo democracias distantes estarão seguras.¹

É dezembro de 1941, e a humanidade desliza para um abismo. Hitler já governa a Europa de Brest aos Bálcãs; com tanques alemães às portas de Moscou, acredita estar perto de derrotar a União Soviética e esmagar toda resistência entre o Atlântico e os Urais. No Extremo Oriente, o Japão imperial completa o movimento de pinça totalitário. Há anos Tóquio expande violentamente seu próprio império pela Ásia continental. Após o ataque a Pearl Harbour, os militares japoneses iniciam agora uma ofensiva vertiginosa que lhes dará controle de territórios da fronteira indiana à Linha Internacional de Data, da Manchúria às aproximações setentrionais da Austrália.

Berlim e Tóquio governam suas conquistas com a crueldade homicida que se esperaria de Estados fascistas. Junto com a Itália, prometeram destruir o sistema internacional existente e erguer, sobre suas ruínas, uma “nova ordem” distópica. “A era da democracia terminou”, declarou o ministro das Relações Exteriores do Japão. “O totalitarismo... controlará o mundo.”² Em Washington, formuladores de políticas dos EUA estão aterrorizados com a possibilidade de as potências do Eixo se conectarem pelo Oceano Índico e pelo Oriente Médio, obtendo o comando da massa terrestre eurasiática e dos mares ao seu redor. Se isso ocorrer, escreve o brilhante estrategista Nicholas Spykman, o Hemisfério Ocidental enfrentará “cerco completo”. Será “impossível para nós preservar nossa independência e segurança”.³

É março de 1947, e o mundo volta a pender no equilíbrio. A Segunda Guerra Mundial destruiu dois impérios implacáveis, mas fortaleceu outro. Tropas soviéticas ocupam territórios profundamente encravados numa Europa prostrada; Stalin e seus aliados sondam vantagens da Escandinávia e da Grécia ao Irã e à Coreia. Uma sangrenta guerra civil logo entregará o país mais populoso do mundo, a China, ao campo de Stalin; fome e radicalismo criam condições ideais para a expansão da influência comunista. Se esperança, prosperidade e segurança não forem restauradas em breve nos países ao redor da periferia soviética, então Moscou — ou seus representantes comunistas — poderá ascender ao poder. Se isso acontecer, alertam os assessores do presidente Harry Truman, um tirano não menos assassino que Hitler terá à disposição os recursos de dois continentes; as perspectivas de sobrevivência do mundo livre serão mínimas.⁴

É fevereiro de 2022, e a humanidade está prestes a receber um lembrete de que a história segue adiante. Vladimir Putin prepara uma guerra de conquista quase genocida na Ucrânia, país que figurou de modo central em toda disputa entre grandes potências ao longo de mais de um século. O plano de Putin é um eco perturbador dos programas de atrocidade e engrandecimento perpetrados durante a Segunda Guerra Mundial. É também a culminação de um esforço de uma geração para tornar a Rússia grande novamente, restaurando sua primazia sobre um espaço que vai da Ásia Central à Europa Oriental.

Enquanto isso, outro aspirante a imperador vitalício, Xi Jinping, esmaga toda oposição interna e mobiliza a sociedade chinesa para projetar seu poder externo. Seu regime conduz a maior expansão naval desde a Segunda

Guerra Mundial, na esperança de submeter Taiwan e transformar o Pacífico Ocidental num lago chinês. Xi tenta simultaneamente usar influência econômica e tecnológica — além de força militar à moda antiga — para construir uma esfera de influência que se estenda profundamente pelo hinterland continental da China e além. Aqueles que se colocarem no caminho da China, declarou Xi, “terão suas cabeças esmagadas e ensanguentadas contra uma Grande Muralha de aço”.⁵

Um país que, há poucas décadas, era desesperadamente pobre agora busca uma hegemonia híbrida em terra e no mar. Xi e Putin chegaram inclusive a selar um novo eixo de autoritários — uma ambiciosa parceria estratégica, com o Irã como membro júnior, que visa criar uma ordem internacional radicalmente revista, com uma Ásia iliberal em seu núcleo.

A disputa pela massa terrestre eurasiática e pelas águas ao seu redor é o traço definidor da política global na era moderna. É o cadinho no qual o mundo contemporâneo foi forjado. E essa disputa volta a arder, mais uma vez, hoje.



MUITAS VEZES, PENSAMOS A ERA MODERNA COMO A DO PODER NORTE-AMERICANO. Na realidade, vivemos um longo e violento século eurasiático. Desde o início do século XX, a Eurásia tem sido o epicentro da rivalidade global. Isso não é surpreendente, dada a sua vastidão e valor.

Como o próprio nome indica, a Eurásia consiste na extensão combinada daqueles dois continentes do Velho Mundo no Hemisfério Norte, a Europa e a Ásia. Ela inclui as ilhas periféricas desses continentes, que estão estreitamente conectadas a eles pelos mares marginais da Eurásia, bem como o Norte da África, que está tão profundamente ligado à Europa pelo Mediterrâneo quanto separado do restante da África pelo Saara. A Eurásia estende-se, assim, da Ásia litorânea no leste à península Ibérica e às Ilhas Britânicas no oeste, do Oceano Ártico ao norte ao Oceano Índico ao sul.⁶ Essa “ilha-mundo”, como a chamou o geógrafo Halford Mackinder, é um espaço como nenhum outro.⁷

Compreendendo estepes, montanhas, planícies, desertos, selvas e praticamente toda outra forma de relevo, a Eurásia responde por mais de um terço das terras emersas do planeta. Ela abriga cerca de 70% da população

mundial, além da maior parte de seu poder industrial e de seu potencial militar. É o berço das cinco grandes religiões da humanidade e o ventre de muitas das civilizações que moldaram o mundo. Seus mares interiores, do Mediterrâneo ao Mar do Sul da China, funcionam como correias transportadoras do comércio; além disso, a Eurásia toca todos os grandes oceanos que levam mercadorias, frotas e exércitos ao redor do globo. Em suma, a Eurásia representa um prêmio sem igual; é o centro estratégico do mundo.

É verdade que a paisagem eurasiática jamais foi estática. Durante grande parte da era moderna, o polo de poder da Eurásia foi a Europa Ocidental — até a recuperação do Japão no pós-Segunda Guerra Mundial, a ascensão vertiginosa da China e o desenvolvimento da Ásia deslocarem o centro de gravidade econômico do globo para o leste. Quando o conceito de Eurásia surgiu, estadistas estavam apenas começando a compreender as implicações estratégicas do petróleo e do poder aéreo; nos anos 2020, a Eurásia e o mundo ingressavam numa longa e caótica transição para um novo regime energético e enfrentavam a possibilidade de conflitos no domínio digital. O principal ponto de atrito marítimo da Eurásia já foi o Mar do Norte, onde Alemanha e Grã-Bretanha se enfrentaram; hoje, as vias navegáveis mais carregadas de presságios são o Estreito de Taiwan, o Mar do Sul da China e outros espaços onde os poderes chinês e norte-americano se encontram.

O que não mudou, em meio a toda essa evolução e revolução, é que a Eurásia continua sendo onde as coisas acontecem, onde vive a maior parte da população mundial e onde se concentra sua atividade econômica; onde se encontram os países mais poderosos do globo, com exceção dos Estados Unidos; e cujas regiões e mares-chave abrigam as rivalidades geopoliticamente mais intensas e definidoras. É por isso que o mundo foi repetidamente sacudido, remodelado e quase destruído por choques decisivos em torno do supercontinente eurasiático e de suas abordagens marítimas.

Autocracias ambiciosas, da Alemanha imperial à União Soviética, buscaram a dominação ao conquistar uma posição de comando no núcleo estratégico do mundo. Democracias offshore, primeiro o Reino Unido e depois os Estados Unidos, associaram-se a aliados continentais para preservar um mundo no qual a liberdade pudesse florescer, mantendo a Eurásia dividida. As maiores guerras declaradas, frias e por procuração do século XX foram todas parte desse padrão. As rivalidades dos Estados Unidos com um novo conjunto de desafiantes — com a China à frente — são a próxima rodada desse jogo geopolítico.



É VERDADE QUE A PALAVRA “EURÁSIA” PODE SOAR POUCO FAMILIAR PARA leitores norte-americanos. Mas isso se deve apenas ao luxo de tê-la esquecido numa era anômala de paz pós-Guerra Fria. O termo remonta ao final do século XIX, quando geógrafos e estrategistas passaram a pensar os dois continentes vizinhos como um único teatro unificado. À medida que o século XX passou a ser definido por confrontos em torno dessa mega região, a expressão tornou-se comum entre intelectuais, líderes políticos e planejadores militares.

No período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, figuras tão diversas quanto um presidente norte-americano e intelectuais nazistas fixaram-se na Eurásia como uma fonte de recursos e poder sem paralelo. No início da Guerra Fria, documentos ultrassecretos de planejamento dos Estados Unidos estavam repletos de referências à massa terrestre eurasiática — a área crítica que Washington não podia permitir que qualquer rival dominasse. O conceito chegou a permear a literatura política mais famosa do século XX. Em 1984, o romance clássico publicado por George Orwell em 1949, a Eurásia era um colosso totalitário engajado numa guerra perpétua, uma referência que mal precisava de explicação.

Durante gerações, todos os familiarizados com os assuntos globais sabiam que a Eurásia era a zona de fratura onde impérios colidiam. Esse conceito está de volta, à medida que a Eurásia se torna novamente o epicentro da competição e do conflito.



O QUE, ENTÃO, DISTINGUE O SÉCULO EURASIÁTICO DE QUALQUER OUTRA era? As características físicas da Terra não mudaram subitamente em 1900. O século XX tampouco foi a primeira vez em que a Eurásia se tornou objeto de disputas ferozes. Como enfatiza o historiador John Darwin, figuras como Átila, Gengis Khan e Tamerlão buscaram, muito antes, colocar vastas porções da Eurásia sob seu domínio.⁸ Mesmo em comparação com a história mais recente, guerra e rivalidade não são novidades. Na Europa, os séculos anteriores a 1900 testemunharam conflitos terríveis, como a Guerra dos Trinta Anos e as que se seguiram à Revolução Francesa. Ao contrário do que

sugere a propaganda chinesa contemporânea, a história da Ásia tampouco foi especialmente pacífica.

Ainda assim, o período iniciado por volta de 1900 foi diferente; distinguiu-se pela frequência, pela ferocidade e pela escala de suas lutas. A Primeira e a Segunda Guerras Mundiais foram conflitos verdadeiramente globais, com combates de uma extremidade à outra da Eurásia e que se estenderam a terras e mares muito além. Foram duas das guerras interestatais mais mortíferas da história (talvez as duas mais mortíferas, dependendo de como se conte) e desempenharam papel central no que o historiador Matthew White chamou, com propriedade, de hemoclimax — a torrente de sangue sem precedentes que caracterizou o século XX.⁹ A Guerra Fria foi menos violenta, ao menos para as superpotências. Mas foi suficientemente sangrenta nas regiões em desenvolvimento, onde milhões morreram nas “pequenas” guerras que substituíram outra guerra mundial.¹⁰ E não foi menos abrangente em termos globais do que as guerras declaradas que a precederam; batalhas decisivas ocorreram de Berlim ao Sinai, de Angola à península coreana, do Sudeste Asiático à América Central.

Esses conflitos foram travados pelas apostas mais elevadas possíveis. Foram o que os cientistas políticos chamam de lutas hegemônicas, que determinam quem governa o sistema internacional e molda o futuro da humanidade. Além disso, essas disputas ocorreram em rápida sucessão, em termos históricos: duas guerras mundiais e o início de uma Guerra Fria de múltiplas gerações em pouco mais de 30 anos. O século XX assistiu a combates desesperados e repetidos pela supremacia global — combates muitas vezes chocantes em sua intensidade, globais em sua extensão, épicos em suas apostas, e que tiveram todos a Eurásia como ponto focal.

De fato, esse século eurasiático foi definido por mudanças de época e extremos escandalosos.¹¹ Foi um período em que guerras e rivalidades entre grandes potências se expandiram de forma incontrolável, engolindo, como incêndios furiosos, tudo o que tocavam. Foi uma era em que novas e terríveis formas de tirania perpetraram crimes sem precedentes no interior de seus países e no exterior. Foi uma idade em que avanços tecnológicos — das ferrovias às armas nucleares — reviraram a política global. Foi um século moldado pela ascensão dos Estados Unidos como superpotência global, ocorrida em grande medida em resposta a crises recorrentes da segurança eurasiática. Acima de tudo, foi um período cujo carnificina incomparável

acabou por produzir — paradoxalmente — um sistema moderno mais pacífico, próspero e democrático do que qualquer outro que a humanidade já tivesse conhecido. O século eurasiático foi singular tanto na destruição que semeou quanto na criação que impulsionou.

Em muitos aspectos, as lutas eurasiáticas forjaram o nosso mundo moderno. Para compreender por que isso ocorreu — por que uma área específica se tornou o motor da história em um momento específico — é necessário conhecer o homem cuja vida e obra estiveram no centro dessa era extraordinária.



SIR HALFORD MACKINDER NÃO É UM NOME CONHECIDO DO GRANDE PÚBLICO. Polímata britânico que viveu de 1861 a 1947, Mackinder é lembrado — nem sempre com simpatia — por acadêmicos que estudam relações internacionais. Foi esquecido por praticamente todos os demais.¹² Embora profundamente comprometido com o Império Britânico, nunca integrou plenamente sua elite formuladora de políticas. Sua incursão na alta diplomacia, como alto-comissário britânico para o Sul da Rússia após a Primeira Guerra Mundial, terminou em fracasso e com boa dose de humilhação. Ele passou o crepúsculo da carreira em cargos relevantes, ainda que relativamente obscuros, como a presidência do Comitê Imperial de Navegação.

Mackinder foi uma das figuras mais interessantes de seu tempo — em diferentes momentos, alpinista e explorador, membro do Parlamento e professor em instituições acadêmicas de prestígio. Escreveu de forma prolífica sobre uma gama de temas mais ampla do que a maioria dos intelectuais hoje ousaria dominar. Mackinder não era um diletante; foi, em grande medida, o fundador da geografia como disciplina acadêmica propriamente dita. Também é considerado o pai de seu campo irmão, a geopolítica — o estudo de como as características físicas da Terra interagem com a disputa por influência e poder. A partir de uma conferência proferida na Royal Geographic Society, em Londres, em 1904, ofereceu um alerta tão presciente quanto qualquer outro sobre o que o século seguinte traria.

Sua palestra, intitulada “O Pivô Geográfico da História”, foi um trabalho vigoroso de análise.¹³ Mackinder explicou como o avanço da tecnologia, especialmente as ferrovias, estava comprimindo a geografia da Eurásia

e potencialmente permitindo que uma única potência controlasse aquela massa terrestre vital. O fechamento da válvula estratégica de segurança proporcionada pela fácil expansão colonial durante o século XIX agora voltava as grandes potências umas contra as outras no século XX. Política e geopolítica interagiam de maneira explosiva; um tema que estava em grande parte implícito na conferência original de Mackinder, mas que se tornaria mais evidente depois, era o fato de que regimes absolutistas agora dispunham de economias industriais modernas, um fator que só poderia viabilizar novos programas de repressão e conquista.¹⁴

Tudo isso, previu Mackinder, precipitaria choques titânicos. Um país ou coalizão que reunisse o poder terrestre necessário para controlar a Eurásia se tornaria uma ameaça global, pois passaria a comandar os recursos exigidos para construir um poder marítimo sem rival. Assim, o padrão da política mundial seria aquele em que Estados continentais assertivos pressionariam por primazia eurasiática — e talvez global — enquanto seus inimigos, tanto as potências marítimas localizadas ao longo das costas da Eurásia quanto os Estados vulneráveis situados nas bordas da massa terrestre, se esforçariam para contê-los.

Mackinder errou em muitos pontos, razão pela qual passou as quatro décadas seguintes ajustando sua tese. Mas acertou os grandes temas do jovem século. Suas ideias tornaram-se referência tanto para líderes que buscavam derrubar o equilíbrio eurasiático quanto para aqueles que procuravam preservá-lo — mesmo quando esses líderes jamais haviam ouvido falar de Mackinder, quanto mais lido sua obra. Alguns dos diplomatas e estrategistas mais importantes do século XX, como Eyre Crowe, o veterano funcionário do Foreign Office britânico que alertou para um conflito iminente com a Alemanha imperial, e George Kennan, o diplomata norte-americano que formulou a abordagem de seu país para a Guerra Fria, beberam intensamente do pensamento dele. É um testemunho de sua influência duradoura o fato de podermos traçar a história do século eurasiático por meio de análises que ele compôs em tempo real.

Mackinder não estava sozinho, é claro. O século eurasiático destacou um conjunto internacional de pensadores geopolíticos que causaram impacto intelectual ao dar sentido à era emergente. Nas décadas de 1890 e início dos anos 1900, o oficial naval norte-americano Alfred Thayer Mahan escreveu incessantemente sobre o papel do poder marítimo em um mundo

de rivalidade crescente. Sua mensagem era a de que os oceanos já não eram fossos protegendo os Estados Unidos, mas rodovias que os conectavam a um mundo volátil. Nicholas Spykman, o sociólogo holandês-norte-americano que se tornou estrategista na Universidade Yale, desafiaria e adaptaria os conceitos de Mackinder durante a Segunda Guerra Mundial. Karl Haushofer, o mais proeminente geopolítico alemão do período entre guerras, ajudou o Partido Nazista a dar usos terríveis às ideias de Mackinder — um papel que intelectuais russos próximos ao Kremlin retomaram mais recentemente. Eles exemplificam uma escola autoritária de geopolítica que tanto tomou emprestado quanto ameaçou os próprios propósitos de sua contraparte democrática. Ao revisar os debates entre esses grandes (e nem tão grandes) intelectuais, podemos compreender melhor o que aconteceu no turbulento século XX e o que está acontecendo hoje.

Ainda assim, ideias não se traduzem automaticamente em ação; o curso do século eurasiático foi traçado por alguns dos líderes mais célebres — e infames — da posteridade. Os protagonistas incluíram, de um lado, tiranos notórios que lançaram destrutivas investidas por grandeza. O Kaiser Guilherme II, Adolf Hitler, Tōjō Hideki e seu círculo de militaristas japoneses, e Josef Stálin fundiram repressão interna com agressão externa; Xi Jinping e Vladimir Putin são seus sucessores mais notáveis na atualidade. Opondo-se a eles estavam estadistas democráticos, que mobilizaram coalizões para rechaçar esses desafios autoritários, entre eles, Woodrow Wilson, Winston Churchill e Franklin Roosevelt durante as Guerras Mundiais, bem como Harry Truman, Dean Acheson e seus contemporâneos transatlânticos durante a Guerra Fria.

A política mundial é confusa, e, por vezes, também o foi a linha entre essas categorias. Stálin ajudou Hitler a deflagrar a Segunda Guerra Mundial, antes de ajudar a derrotá-lo, e de voltar a confrontar o Ocidente na Guerra Fria. A China ajudou o mundo livre a vencer esse embate, antes de se tornar hoje seu rival mais poderoso. O século eurasiático é fascinante pelas alianças mutáveis que produziu — e porque demonstra como a história é feita na interseção entre forças estruturais, grandes ideias e as escolhas decisivas que os líderes tomam.



ESTE LIVRO CONTA A HISTÓRIA DO SÉCULO EURASIÁTICO. ELE APRESENTA pesquisas realizadas em documentos e arquivos de muitos países que se enfrentaram nos conflitos anteriores da Eurásia; baseia-se também em minhas viagens a nações que vão do Japão à Índia, da Austrália ao Reino Unido. Utiliza esse conjunto de materiais para explorar os deslocamentos tectônicos — as revoluções na tecnologia e na guerra, a ascensão de regimes totalitários brutais e de ideologias tóxicas de conquista, entre outros fatores — que fizeram da Eurásia o teatro central da geopolítica do século XX. Reconta os combates épicos que o século eurasiático produziu. E mostra como as lutas desesperadas do século XX acabaram por dar origem a uma ordem liberal florescente que hoje se encontra ameaçada. Há muitas razões para revisitar essa história; duas são as mais importantes.

Primeiro, as disputas pela primazia eurasiática são disputas sobre o destino do mundo e o futuro da liberdade humana. Essa afirmação pode soar exagerada. Não é.

A Eurásia é o fulcro da ordem mundial. Um país ou grupo de países que domine suas regiões vitais disporá de recursos, riqueza e alcance global incomparáveis. Se uma autocracia agressiva ou uma aliança de autocracias se tornasse preeminente dentro da Eurásia, poderia remodelar fundamentalmente a ordem mundial e coagir seus rivais ao redor do globo. Mesmo que esse hegemom não conseguisse conquistar fisicamente as democracias ultramarinas remanescentes, poderia submetê-las a uma insegurança tão contínua e penetrante que elas teriam dificuldade em preservar simultaneamente sua segurança e suas liberdades.

Esse foi o pesadelo dos grandes líderes democráticos do século XX. O mesmo espectro assombraria o mundo democrático se uma China autocrática, ou um eixo autocrático, alcançasse hoje a primazia nessa massa terrestre e nos oceanos adjacentes. O arco deste século, assim como o do século passado, será determinado pelo resultado da rivalidade eurasiática. Os meios e métodos dos desafios eurasiáticos podem mudar ao longo do tempo; as apostas, não.

Em segundo lugar, o desempenho dos Estados Unidos e de outras democracias em um segundo século eurasiático depende de quão firmemente eles compreendem as lições do primeiro. É fácil sair dessa história com uma sensação de determinismo geográfico. Afinal, todo país que buscou a hegemonia eurasiática acabou sendo derrotado, porque suas ambições

desencadearam a força coletiva de uma coalizão inimiga avassaladora. O Japão imperial, a Alemanha (duas vezes) e a União Soviética sofreram esse destino. Os aliados autocráticos de hoje voltam a se deparar com esse perigo. Eis o dilema que as potências eurasiáticas enfrentam: ao se tornarem fortes o suficiente para subjugar seus vizinhos, tornam-se fortes o suficiente para despertar a inimizade do mundo.

Ainda assim, as lutas do século XX não precisavam ter tido esse desfecho. Como observa o historiador Richard Overly, os resultados de batalhas decisivas podem depender da precisão com que alguns pilotos lançam algumas bombas em um momento crucial.¹⁵ Tanto as duas Guerras Mundiais quanto a Guerra Fria poderiam ter terminado de forma diferente se líderes-chave tivessem seguido estratégias distintas em encruzilhadas decisivas. Da mesma forma, os desfechos das disputas atuais dependerão da qualidade dos líderes e das escolhas que eles fazem — e, portanto, do grau em que esses líderes colhem os ensinamentos que os últimos 120 anos têm a oferecer. Não é pouca a razão para estudar o século eurasiático. Não há maneira melhor de nos preparar para a convulsão que se avizinha.

Amostra

O MUNDO DE MACKINDER

A Ferrovia Transiberiana é um cinturão de aço que une dois continentes. Seus quase 9.600 quilômetros de trilhos ligam Moscou a Vladivostok; linhas de conexão atravessam a Europa e descem pela borda oriental da Ásia. Por mais de um século, a Transiberiana atraiu viajantes que desejam percorrer alguns dos territórios mais remotos — e às vezes belíssimos — do mundo: os montes Urais, as margens do lago Baikal, o isolamento impressionante da estepe russa. Mas, quando foi concluída em 1904, a Ferrovia Transiberiana era matéria-prima de sonhos imperiais e pesadelos geopolíticos.¹

O governo czarista construiu a ferrovia — um projeto monumentalmente caro, financiado por dívida — com a glória em mente. Os trilhos deveriam abrir a vasta e rica Sibéria à colonização e à industrialização. Permitiriam ao Império Russo fortalecer sua influência na Manchúria, na Coreia e em todo o Extremo Oriente. A ferrovia, argumentava seu principal defensor, o conde Sergei Witte, catalisaria a expansão externa e a consolidação interna; “não apenas promoveria a abertura da Sibéria, como revolucionaria o comércio mundial, suplantaria o Canal de Suez como a principal rota para a China, permitiria à Rússia inundar o mercado chinês com têxteis e produtos metálicos e asseguraria o controle político do norte da China”.²

A Ferrovia Transiberiana mudou o mundo — só não foi da maneira que Witte pretendia. O Japão, rival regional da Rússia, compreendeu exatamente o que estava por vir. Trens transportam tropas; assim, vínculos de transporte reforçados com o Nordeste Asiático permitiriam ao império czarista

impor-se no quintal de Tóquio. “O dia em que a Ferrovia Transiberiana for concluída será o dia em que a crise chegará à Coreia”, previu um comandante japonês; “e, quando a crise chegar à Coreia, todo o Oriente enfrentará convulsões”.³ Tóquio não estava disposta a permitir isso. Apenas meses antes da conclusão do último trecho dos trilhos, o Japão lançou um ataque surpresa contra a frota russa em Port Arthur, iniciando a primeira guerra entre grandes potências do século XX — uma luta pela supremacia imperial no Nordeste Asiático.

Foi um presságio do que viria a seguir. A Ferrovia Transiberiana foi um ponto de ignição ao longo de toda a sangrenta época que se seguiu.

A modernização da rede ferroviária russa, tendo a Transiberiana como espinha dorsal, ajudou a desencadear a Primeira Guerra Mundial ao convencer autoridades alemãs de que um pesado rolo compressor russo em breve seria capaz de mobilizar-se com velocidade moderna. “As grandes construções ferroviárias russas”, resmungava o Kaiser Guilherme II, eram “preparativos para uma grande guerra”.⁴ Facções russas rivais lutaram pelo controle da ferrovia durante a guerra civil desencadeada pela Primeira Guerra Mundial; o temor de que os bolcheviques — ou os alemães — pudessem controlar os trilhos motivou uma intervenção desastrosa de Washington e outras potências. Autoridades do Departamento de Estado deixaram pouca dúvida quanto ao objetivo daquela expedição; “a manutenção, a operação e o controle da Ferrovia Transiberiana” eram seu “passo inicial e preeminente importante”.⁵

A mesma ferrovia teve papel central na Guerra Mundial seguinte. Entre 1939 e 1941, a Transiberiana funcionou como uma via econômica entre as potências do Eixo, com a União Soviética — então efetivamente aliada da Alemanha — atuando como intermediária. Na primavera de 1941, a ferrovia transportava diariamente 300 toneladas vitais de borracha do Império Japonês em expansão para a Alemanha.⁶ Depois que Hitler voltou-se contra Stalin, em junho de 1941, a ferrovia ajudou a selar a aliança que garantiria a derrota alemã. Enormes quantidades de ajuda norte-americana do Programa de Empréstimo e Arrendamento seguiram pela Transiberiana, de Vladivostok até a frente europeia de Stalin.⁷ E, décadas mais tarde, quando Vladimir Putin se preparava para invadir a Ucrânia, a ferrovia preparou o palco para outro confronto macabro.

Durante uma lenta e ameaçadora mobilização para o maior conflito da Europa desde a Segunda Guerra Mundial, Putin utilizou a Transiberiana para deslocar meios militares de um extremo a outro da Eurásia. Trens militares transportaram tanques, caminhões, infantaria e lançadores de mísseis do Extremo Oriente russo até a fronteira ucraniana. Uma unidade que fez a viagem, a 64ª Brigada Independente de Fuzileiros Motorizados, participou do estupro, da tortura e do assassinato de civis em Bucha, o subúrbio de Kyiv cujo nome se tornou sinônimo de depravação russa.⁸ “Há maníacos que gostam de matar um homem”, reconheceu um integrante daquela unidade. “Esses maníacos apareceram ali.”⁹ Em 1891, o czar Alexandre III declarou: “Que se construa uma ferrovia.” Mais de 130 anos depois, a Transiberiana ainda era um conduto de conflito.¹⁰

Há uma boa razão para isso. A geografia é obstinada; salvo expansão ou contração, um país é onde está. Desenvolvimentos que alteram a geografia, ou aliviam as restrições que ela impõe, podem, assim, transformar profundamente os assuntos mundiais. A escavação do Canal de Suez turboalimentou a construção dos impérios europeus na Ásia e na África ao reduzir drasticamente os tempos de viagem entre metrópole e periferia. A construção de uma ferrovia transcontinental no século XIX ajudou a fazer dos Estados Unidos uma superpotência global no século XX, ao lhes dar o domínio da América do Norte de costa a costa. A Ferrovia Transiberiana tornou possível mover exércitos rapidamente pela Eurásia; ela antecipou revoluções tecnológicas que viabilizariam tentativas de conquista ainda mais vastas. Assim, a conclusão da Transiberiana prenunciou uma era de colisões violentas em escala global.

Sir Halford Mackinder enxergou essa era que se aproximava, numa conferência que proferiu quando ela estava prestes a começar. Suas ideias anteciparam os padrões básicos de conflito do século que viria. Elas o lançaram a um grande debate, que atravessou países e décadas, sobre geopolítica e estratégia na era moderna. E tiveram impacto duradouro sobre aqueles que buscaram preservar um mundo adequado à liberdade humana — assim como sobre aqueles que procuraram destruí-la. Todas as maiores guerras e rivalidades do século eurasiático foram disputas para governar o mundo de Mackinder.



“HOMENS PRÁTICOS QUE ACREDITAM ESTAR COMPLETAMENTE ISENTOS DE qualquer influência intelectual costumam ser escravos de algum economista já morto”, escreveu certa vez John Maynard Keynes. “Loucos no poder, que ouvem vozes no ar, estão destilando seu frenesi a partir de algum rabiscador acadêmico de poucos anos atrás.”¹¹ Keynes queria dizer que as ideias precedem a política, mesmo quando os formuladores de políticas não se dão conta disso. Essa é uma boa maneira de compreender a vida e o legado de Halford Mackinder.

Para ser justo, ele não era um rabiscador obscuro. Nascido em 1861 em Gainsborough, no interior da Inglaterra, viveu até 1947 — um período que abrangeu o apogeu do imperialismo europeu e do poder britânico, a descida a duas Guerras Mundiais e o início da descolonização e da Guerra Fria. Ainda menino, leu nos jornais que a Prússia de Bismarck havia derrotado a França e unificado a Alemanha, e se perguntou o que a consolidação de um império ascendente no coração da Europa traria consigo. Era um tempo extraordinário para estar vivo e, ao longo de uma vida profissional que se estendeu por seis décadas, Mackinder fez coisas extraordinárias.¹²

Ele estava bem preparado para empreitadas ambiciosas e aventureiras. Filho de um médico, estudou em colégio interno e depois em Oxford. Tinha talento para línguas, aprendendo francês e alemão, e uma paixão pela exploração que o levaria — física ou intelectualmente — ao redor do globo. Mackinder talvez tenha sido, como ele próprio disse, “um menino bastante solitário”, com afinidade por livros e mapas, mas era forte, atlético e intelectualmente maduro.¹³ Na universidade, no início da década de 1880, cultivou seus interesses por geologia e história, pela oratória e pelo debate intelectual na Oxford Union, e pelo serviço ao Império Britânico, por meio da Oxford Army Volunteer Reserve e do University Rifle Corps. Após se formar, Mackinder tentou inicialmente tornar-se advogado, antes de seguir um caminho menos convencional.

Ao passar a dar aulas de geografia para ganhar dinheiro extra, Mackinder transformou essa atividade paralela em uma cátedra em Oxford, aos 25 anos, com base numa conferência que ajudou a estabelecer a área como disciplina acadêmica. Desempenharia um papel importante na criação de uma série de instituições acadêmicas prestigiosas — a Escola de Geografia de Oxford, a Universidade de Reading e a London School of Economics — e tornou-se um intelectual público que escreveu sobre temas que iam da

política tarifária às causas da guerra e da paz, e então, deu uma guinada para a política, representando o distrito de Camlachie, em Glasgow, na Câmara dos Comuns de 1910 a 1922. Após a Primeira Guerra Mundial, tentou a diplomacia prática, servindo como alto-comissário britânico para o Sul da Rússia e buscando organizar o caos semeado pela guerra e pela revolução.

Depois de perder seu assento no Parlamento, em 1922, lançou-se novamente ao serviço público, presidindo órgãos pouco glamorosos, mas importantes, como o Comitê Imperial de Navegação, destinado a manter coeso o Império Britânico mesmo quando forças centrífugas o rasgavam. Para completar, era um alpinista experiente, que liderou a primeira ascensão bem-sucedida do Monte Quênia. Aquela escalada foi “uma façanha de montanhismo realmente séria”, observou um contemporâneo — ainda que também tenha sido uma aventura mortal, marcada por rumores (jamais comprovados) de que Mackinder esteve envolvido no assassinato de carregadores africanos amotinados.¹⁴

Mackinder era um polímata clássico; reuniu várias carreiras em uma só. “Não admito ter sido uma pedra rolante, porque em geral sabia para onde estava indo”, comentou, “mas certamente não criei musgo.”¹⁵

Infelizmente, ele conheceu a decepção. Mackinder não realizou tudo o que pretendia. Sua maior aspiração era ser um peso pesado da política britânica — um homem de ideias que também fosse um homem de ação. “Se puser o pé na escada, pode chegar muito perto do topo”, previu um observador em 1902, “especialmente porque há uma ausência de jovens capazes.”¹⁶ Escalar o monte Quênia mostrou-se fácil em comparação.

Mackinder não era um político nato, em parte por seu estilo intelectual abstrato. Jamais se tornou membro do Gabinete ou conseguiu, de fato, penetrar nos níveis mais altos da elite governante. Sua passagem como alto-comissário foi breve e ingloria; sua declaração mais abrangente sobre política externa, um livro intitulado *Democratic Ideals and Reality*, foi em grande medida ignorada por uma geração após sua publicação. Mackinder, escreveu seu amigo Leo Amery, tinha uma “personalidade mais vigorosa e um cérebro mais poderoso” do que seus colegas que alcançaram voos mais altos. Mas “nunca chegou exatamente ao patamar que dele se esperava”.¹⁷

Ainda assim, se Mackinder não conseguiu pôr as mãos firmemente nas alavancas do poder, deixou uma marca duradoura. Orgulhava-se de sua capacidade de pensar em grande escala — de enxergar além da crise imediata

e apreender as forças históricas em ação. Era essencial, escreveu ele, que os líderes de uma democracia “fossem capazes de vagar com facilidade e prazer, no pensamento, pela superfície do mundo, pensando em milhões, pensando em eras”.¹⁸ Aqueles que o ouviam falar sobre os temas que dominava jamais duvidavam dessa capacidade; décadas depois, um colega recordaria como Mackinder, tão “alto, ereto, distinto”, enfeitiçava seus alunos ao apresentar, “com sua voz sonora, sem jamais consultar anotações, uma síntese perfeitamente argumentada e apresentada”.¹⁹ Onde ele mais se destacava era na explicação da geopolítica, disciplina voltada à relação entre realidades geográficas e poder político.²⁰

Em sua conferência fundadora de campo, “Sobre o Escopo e os Métodos da Geografia”, Mackinder insistiu que a disciplina envolvia mais do que o simples catálogo de fatos físicos; um esforço tão árido “sempre deixará de atrair mentes com a amplitude necessária para governar homens”.²¹ Sua versão de geografia — a geografia política — consistia em estudar como as características da Terra afetavam o comportamento de povos e sociedades ao longo do grande arco da história e como esse comportamento, por sua vez, remodelava o ambiente físico. Isso exigia imaginação e amplitude: “O detalhe prosaico constitui a maior parte de toda ciência, mas nenhuma ciência pode satisfazer a mente se não permitir a construção de palácios a partir de seus tijolos.”²² Poucos construíram palácios mentais mais majestosos do que Mackinder.

Um de seus livros mais lidos mostrou como a geografia e a geologia da Grã-Bretanha — a combinação de suas dotações de recursos e de sua posição ao largo da costa europeia — haviam transformado uma pequena nação insular numa potência marítima rica e liberal, dotada de um império sem igual. Outro volume explicou como as características do vale do rio Reno influenciaram a longa disputa pelo domínio da Europa Central.²³ O tema vital da obra de Mackinder era o de que a geografia moldava profundamente a luta atemporal pelo poder. Não era exatamente destino, mas uma realidade que nenhum estrategista competente podia ignorar. “O homem, e não a natureza, inicia”, afirmou ele, “mas a natureza, em grande medida, controla.”²⁴ O que significava que formar seu povo e seus líderes numa maneira geográfica de pensar era essencial para que a Grã-Bretanha prosperasse, especialmente à medida que o mundo começava a mudar de modo verdadeiramente epocal.



O MUNDO EM QUE MACKINDER CRESCEU ERA UM MUNDO DE PODER BRITÂNICO onipresente. Londres foi o hegemom global do século XIX; sua influência alcançava todos os continentes habitados. A Marinha Real patrulhava os mares, permitindo que o comércio prosperasse e que uma era de globalização se acendesse. De fato, Londres presidia aquilo que hoje chamaríamos de uma ordem internacional liberal; a primeira grande expansão internacional da democracia ocorreu quando instituições representativas ao estilo britânico se consolidaram sob a primazia britânica.²⁵ Apesar de algumas guerras desagradáveis, porém em grande medida localizadas, a Europa desfrutava de sua longa paz pós-napoleônica, o que permitia a Londres evitar enredamentos continentais e deleitar-se em sua “esplêndida isolação”. O ápice simbólico do esplendor britânico foi o Jubileu de Diamante da rainha Vitória, em 1897, que exibiu os melhores navios de guerra do mundo e tropas imperiais vindas de todas as partes do globo. A atmosfera, recordaria o historiador Arnold Toynbee, era: “Pois bem, aqui estamos no topo do mundo, e chegamos a esse cume para permanecer ali — para sempre!”²⁶

Na realidade, o poder britânico — e a estabilidade internacional — estavam escorrendo por entre os dedos. A Grã-Bretanha perdera um pilar crucial de sua hegemonia; em 1890, já não possuía a maior economia do mundo. Um grupo de potências emergentes — a Prússia (depois Alemanha), os Estados Unidos e o Japão — afirmava seus interesses e reordenava suas regiões por meio de guerras curtas e incisivas. França e Grã-Bretanha quase chegaram às vias de fato, em 1898, por visões imperiais que colidiram no Sudão; em 1899, Londres estava envolvida numa feia disputa colonial contra os bôeres no sul da África. A Rússia, rival de longa data da Grã-Bretanha ao longo de linhas de fratura que iam da Europa Oriental ao Sul da Ásia, expandia sua economia e poder militar. O Império Britânico era assolado por crises em toda parte. Como colocou o secretário colonial Joseph Chamberlain: “O Titã cansado cambaleia sob o orbe vasto demais de seu destino.”²⁷

A convulsão geopolítica caminhava lado a lado com o acirramento do conflito ideológico. Choques entre ideias opostas, entre sistemas concorrentes de governo, são tão antigos quanto a própria história. Esses choques haviam, contudo, arrefecido temporariamente depois que as chamadas

ideológicas acesas pela Revolução Francesa foram finalmente extintas. Os países que derrotaram Napoleão e estabeleceram o Concerto da Europa em 1814–15 partilhavam uma preferência pela ordem, que, por um tempo, se sobrepôs às diferentes concepções de justiça.²⁸ À medida que o Concerto se desfez, no final do século XIX, porém, as tensões ideológicas voltaram a inflamar-se.

O Grande Jogo não foi apenas uma rivalidade entre impérios vorazes; o fosso nítido e crescente entre uma Grã-Bretanha em processo de democratização e uma Rússia despótica fez daquele embate também uma disputa de valores. “Não somos feitos do mesmo material”, escreveu o ministro britânico em Teerã. “Diferimos como diferem nossos governos.”²⁹ Os líderes de outro rival britânico, a Alemanha, haviam se comprometido a buscar a grandeza por meio da autocracia e da coerção. O chanceler alemão Otto von Bismarck declarou certa vez que a história não seria feita “por discursos ou decisões de maioria”, mas “por sangue e ferro”. A Prússia tornara-se forte, explicou ele, “não por meio do liberalismo e do livre pensamento”, mas pela condução de autoritários resolutos que agiam com “coragem implacável”.³⁰ Uma questão-chave do século XX, acreditavam Mackinder e muitos de seus contemporâneos, era saber se Estados liberais ou seus desafiantes iliberais estabeleceriam as regras do jogo.

Até a própria guerra havia mudado. Tinham ficado para trás os conflitos vagarosos e dispersos que as monarquias europeias de cofres vazios haviam travado em uma era anterior. A Revolução Francesa abriu uma era de guerra total — disputas nas quais Estados modernos, movidos por um nacionalismo feroz e dotados de capacidades burocráticas e financeiras sofisticadas, mobilizavam as energias da sociedade para buscar a destruição completa de seus inimigos. Na década de 1860, a Guerra Civil norte-americana demonstrara como os beligerantes podiam mobilizar mão de obra, dinheiro e músculo industrial em uma escala até então inaudita, para travar guerras mais longas, mais destrutivas e mais absorventes do que antes. Mesmo as guerras menores e mais breves que se seguiram — as guerras da unificação alemã, a guerra sino-japonesa, a Guerra dos Bôeres — exibiram os efeitos devastadores do poder de fogo moderno e das armas produzidas em massa. À medida que o sistema internacional se tornava mais desordenado, as colisões entre grandes potências tornavam-se mais destrutivas.³¹

Por fim, ao amanhecer do século XX, o mundo tornava-se mais cheio, mais claustrofóbico. O progresso foi parte da causa; navios a vapor, ferrovias e telégrafos aproximavam pessoas e continentes. A conquista foi outro fator. A expansão imperial europeia em ritmo acelerado no final do século XIX — o que um ministro das Relações Exteriores chamou de “uma verdadeira corrida de obstáculos por aquisições coloniais” — criara megaimpérios (com o britânico sendo o maior) que cobriam o globo. Influenciados pelo darwinismo social e pela noção de que apenas os mais aptos sobreviveriam, estrategistas em toda a Europa e além insistiam que os países precisavam expandir-se, empanturrando-se de terras e recursos, ou seriam devorados por seus rivais. Estados fortes “se afirmam na economia universal da natureza”, escreveu um general alemão aposentado. “Os mais fracos sucumbem.”³² O mundo de Mackinder tornava-se um barril de pólvora intelectual tanto quanto político.

A década inicial dos anos 1900 foi um momento de mudança tectônica na política mundial — ainda que fosse, compreensivelmente, difícil para observadores contemporâneos discernir exatamente o que estava acontecendo e por quê. Essa foi a tarefa de Mackinder quando visitou a Royal Geographic Society na noite de 25 de janeiro de 1904 para proferir uma conferência intitulada “O Pivô Geográfico da História”.



POUCOS TEXTOS ESTRATÉGICOS DA ERA MODERNA FORAM MAIS SEMINAIS; a conferência de Mackinder influenciou gerações de líderes militares, diplomáticos e políticos. Ainda assim, talvez isso não fosse perceptível à época.

A palestra não foi um sucesso imediato; um participante “olhou com pesar para parte do espaço que aqui permanece desocupado”.³³ Talvez fosse porque se tratava de uma noite gélida de janeiro. Ou talvez porque a conferência de Mackinder combinasse abstração vaga, narrativa errante, história distante e montanhas de detalhes geográficos. A exposição incluía uma longa — ainda que elegante — discussão sobre rios, estepes, picos e terras de monções; estava repleta de conceitos (“Área-Pivô”, “Crescente Interior”, “Crescente Exterior”) que então, provavelmente, soavam obscuros. Mackinder exigia muito de seus ouvintes. Também entregava muito, pois o coração analítico de sua conferência era uma discussão penetrante das forças que produziam um século eurasiático.

A primeira delas era o fim do que ele chamou de “época colombiana” — aquela era de 400 anos de exploração e conquista europeias iniciada com a descoberta das Américas. “Enquanto a cristandade medieval esteve confinada a uma região estreita e ameaçada pela barbárie externa”, explicou Mackinder, a época colombiana testemunhara “a expansão da Europa diante de resistências quase negligenciáveis”.³⁴ Os principais Estados europeus haviam mapeado e dividido o globo; o processo se acelerara no século XIX à medida que avanços em poder de fogo, medicina e transportes impulsionavam penetrações imperiais profundas na África e na Ásia. Pouco depois da conferência de Mackinder, a Grã-Bretanha controlaria um império de 31 milhões de quilômetros quadrados; o império francês, com 12,5 milhões de quilômetros quadrados, era 20 vezes maior que a própria França.³⁵ Contudo, a época colombiana estava agora chegando ao fim, vítima de um sucesso catastrófico. Não havia mais mundos a conquistar. A África e grande parte da Ásia haviam sido subjugadas; as “novas Europas” da Austrália, do Canadá e da Nova Zelândia faziam parte do Império Britânico. Restava “quase nenhuma região para o cravamento de uma reivindicação de posse, a não ser como resultado de uma guerra entre potências civilizadas ou semicivilizadas”, disse Mackinder.³⁶ A Grã-Bretanha fora a que mais ganhara com essa orgia de engrandecimento, mas as implicações eram, ainda assim, sinistras.

Desde a queda de Napoleão, as potências europeias haviam, em grande medida, evitado conflitos totais, em parte porque a expansão direcionava sua agressão para fora; uma “guerra longa” contra sociedades menos desenvolvidas facilitara uma “paz longa” entre os próprios impérios.³⁷ Agora, essa válvula de segurança estava fechada. “Toda explosão de forças sociais, em vez de se dissipar num circuito de espaço desconhecido e caos bárbaro, ecoará de forma aguda a partir do outro lado do globo.” Um “sistema político fechado” seria implacável; as relações entre grandes potências tornavam-se de soma zero.³⁸

As tensões também cresciam por uma segunda razão: a tecnologia estava refazendo a geografia. “A mobilidade sobre o oceano”, observou Mackinder, era “a rival natural da mobilidade do cavalo e do camelo” em terra. Na época colombiana, o poder marítimo superara o poder terrestre, graças às revoluções na vela e depois no vapor. A descoberta ou criação de atalhos — o Canal de Suez e a rota ao redor do Cabo da Boa Esperança — acentuara essa vantagem, dotando “a cristandade da mais ampla mobilidade de poder

possível”.³⁹ As grandes potências marítimas, em especial a Grã-Bretanha, haviam cercado a Eurásia, conquistando pontos de apoio no Oriente Médio, na Índia e na China. Podiam também neutralizar as vantagens que grandes potências terrestres, notadamente a Rússia, extraíam de ocupar uma posição central na maior massa continental do mundo.

O exemplo clássico foi a Guerra da Crimeia, travada entre 1853 e 1856. A Rússia possuía linhas interiores — eixos comparativamente curtos de movimento e comunicação — quando lutou contra França, Grã-Bretanha e um Império Otomano em declínio. Pouco importou. Grã-Bretanha e França usaram o domínio dos mares para ampliar o campo de batalha, ameaçando a Rússia em frentes que iam do Mar Negro ao Báltico. A infraestrutura de transportes miserável da Rússia — o império carecia de ferrovias ao sul de Moscou — impediu-a de concentrar forças com eficácia. Tropas aliadas levavam três semanas para se deslocar de seus países de origem até a península da Crimeia; tropas russas estacionadas perto de Moscou levavam três meses para se mover rumo ao sul. Um bloqueio naval aliado estrangulou as exportações russas de grãos e lançou o governo numa espiral rumo à bancarrota.⁴⁰ A mobilidade inferior do poder terrestre selou a humilhação russa, assim como a mobilidade superior do poder marítimo havia possibilitado a expansão global britânica.

Agora, porém, o pêndulo começava a oscilar de volta. As guerras da unificação alemã, de 1864 a 1871, haviam revelado como uma densa rede de ferrovias podia viabilizar vitórias no campo de batalha e revoluções geopolíticas. A Prússia, guiada por Bismarck e pelo celebrado Estado-Maior, usara com perícia seu sistema ferroviário para derrotar inimigos, ao reunir rapidamente concentrações esmagadoras de força.⁴¹ A Ferrovia Transiberiana, quase concluída quando Mackinder proferiu sua conferência, talvez tornasse possível deslocar exércitos e suprimentos em escala muito maior.

“É verdade que a ferrovia Transiberiana ainda é uma linha única e precária de comunicação”, concedeu Mackinder, “mas o século não estará velho antes que toda a Ásia esteja coberta por ferrovias”.⁴² Tampouco demoraria para que a Rússia estivesse pronta para o confronto. Um império antes atrasado agora se impulsionava para a frente; em 1900, a Rússia produzia 50 vezes mais carvão e 2 mil vezes mais aço do que em 1860.⁴³ Apertava seu controle sobre áreas que iam do Cáucaso à Ásia Central e à Sibéria. “Os espaços dentro do Império Russo e da Mongólia são tão vastos, e suas

potencialidades em população, trigo, algodão, combustíveis e metais tão incalculavelmente grandes”, disse Mackinder, “que é inevitável que ali se desenvolva um vasto mundo econômico, mais ou menos à parte”.⁴⁴

Tudo isso levantava a possibilidade de que um Estado poderoso e centralmente localizado pudesse assumir o controle da massa terrestre eurasiática. “A região-pivô da política mundial”, hipotetizou Mackinder, era “aquela vasta área da Eurásia que é inacessível a navios, mas que, na Antiguidade, esteve aberta aos nômades cavaleiros e que hoje está prestes a ser coberta por uma rede de ferrovias”.⁴⁵ Enquanto os exércitos de Gengis Khan haviam usado cavalos para varrer a Eurásia, uma nova geração de conquistadores cavalaria o cavalo de ferro rumo à glória.

Qualquer hegemonia eurasiática tenderia a ser sombria e brutal, em razão de um terceiro desenvolvimento: a modernização da tirania. Tirantias sempre existiram — e, de fato, predominaram —, mas o século XX testemunhou algo mais pernicioso: um grupo de países que fundiu repressão extrema, dinamismo industrial e expansão violenta. Havia indícios disso já em 1904; Mackinder preocupava-se sobretudo com um Império Russo que se agarrava ao absolutismo mesmo enquanto se modernizava economicamente, seguido por uma Alemanha que combinava autocracia imperial com burocracia competente e peso industrial. Ainda assim, seria o regime bolchevique, após tomar o poder em 1917, que ofereceria a Mackinder uma visão mais clara do futuro: um Estado policial implacável e bem organizado, que perseguia projetos messiânicos no plano interno e externo.⁴⁶ Aquela revolução mostrou, assim como fariam as potências fascistas das décadas de 1930 e 1940, como as formas mais horríveis de violência política e os sonhos mais fantasiosos de expansão eurasiática eram partes de um mesmo todo totalitário.

As consequências de tal expansão não seriam regionais, mas globais. A consolidação da Eurásia sob um poder hostil poderia ameaçar até países protegidos por fossos oceânicos.

A Eurásia, apontou Mackinder, era três vezes maior que a América do Norte. No início dos anos 1900, concentrava dois terços da população mundial e a maior parte de seu poder industrial. Um país ou grupo de países que dominasse a Eurásia seria muito mais forte do que qualquer rival; seria invulnerável a bloqueios ou ataques vindos do mar. O poder terrestre dominante produziria, então, poder marítimo dominante; livre de ameaças

em suas fronteiras, um colosso eurasiático poderia construir marinhas sem paralelo. A “derrubada do equilíbrio de poder” dentro da Eurásia, advertiu Mackinder, ameaçaria fatalmente o equilíbrio de poder além dela, pois “permitiria o uso de vastos recursos continentais para a construção de frotas, e o império do mundo então estaria à vista”.⁴⁷ Ou, como reformularia mais tarde sua tese: “Quem governa o Heartland governa a Ilha-Mundo; quem governa a Ilha-Mundo comanda o Mundo”.⁴⁸

Daí o insight final de Mackinder: o de que o evento central da política global passaria a ser choques decisivos entre agressores continentais e equilibradores offshore. Potências continentais — aqui ele tinha em vista a Rússia, talvez em liga com a Alemanha — buscariam dominar a grande Área-Pivô, bem como o “Crescente Interior”, aquele anel de países, da China à Índia e à Europa Ocidental, ao redor do núcleo eurasiático. Potências marítimas offshore, compondo um “Crescente Exterior”, tentariam manter o equilíbrio apoiando “cabeças de ponte” eurasiáticas, como França e Coreia, e assediando um aspirante a hegemom em terra e no mar.⁴⁹ À medida que potências eurasiáticas avançassem para fora, inimigos dentro e fora daquele continente se esforçariam para contê-las.

Em muitos aspectos, Mackinder estava prevendo um futuro sombrio, no qual a orla eurasiática voltaria a ser ameaçada por um “despotismo disseminado” emanando do centro. Ainda assim, havia ao menos a sugestão de que tais lutas poderiam ser construtivas. Uma “personalidade repelente” tinha o benefício de energizar e unir seus inimigos; uma Europa forte e vibrante fora forjada entre as pressões rivais exercidas por “nômades asiáticos”, ou mongóis, pressionando do leste, e por “piratas do mar”, ou vikings, circulando pelo norte e pelo oeste. “Nenhuma das pressões foi avassaladora”, disse, “e ambas, portanto, foram estimulantes”.⁵⁰ Talvez novas pressões eurasiáticas pudessem desencadear novas formas de criação.



O ARGUMENTO DE MACKINDER NÃO FOI CRIADO DO NADA; UM SINTETIZADOR sem desculpas, ele tomou emprestado de contemporâneos como Lord Curzon, futuro secretário de Relações Exteriores britânico, e do escritor H. G. Wells.⁵¹ A conferência também foi produto de seu tempo de outra maneira; Mackinder a encerrou advertindo que os chineses poderiam constituir o